

JOSÉ MARIA ALVES

**AFORISMOS
E
REFLEXÕES
II**

Quem sou eu?

Um acidente na longa evolução, um filho das estrelas e irmão dos planetas, o resultado da vontade de um ser superior, um ente obrigado ao aperfeiçoamento para que se possa furtar à roda dos nascimentos e da morte ou destinado ao paraíso e à presença de Deus?

Um ser composto de três princípios: o físico de origem terrestre – *o corpo, um verdadeiro objecto* –, o astral – *corpo subtil* – e o espiritual de origem divina – *o espírito*?

Estará assim o mundo dividido entre espírito e matéria?

Possuo uma alma? E essa alma é imortal? Existe desde sempre ou foi criada? Se o foi, em que momento ocorreu a sua criação?

Donde venho carrego pois, comigo, essa alma?

Para onde vou, apenas irá essa alma vazia de todo o conteúdo cerebral, do *ego* enquanto sede do prazer e da dor?

Quem sou eu? – pergunto-me com constância nas noites de insónia e aguda inquietação.

O que restará de mim no meu decesso? Uma alma com energia independente da material, cuja essência é determinada pela existência, inteligência e felicidade absolutas?

Não podemos excluir o facto de que a minha alma – *a existir* – e o universo, não sejam outra coisa que não Deus.

Nesta perspectiva, pesquisar a alma é pesquisar Deus.

Continuemos essa pesquisa...

Quando afirmamos que cabe nos desígnios do universo o objectivo de ganhar consciência de si mesmo através do cérebro humano, mais não fazemos do que valorizar o que pouco ou nenhum valor tem.

O homem é um pequeno conjunto de carvão impuro e água a arrastar a sua impotência sobre um planeta sem importância.

As aspirações do ser humano estribam-se nas mais estúpidas das ilusões.

Se formos constantes, tal água que escava o duro granito, derrubaremos sem inquietação os obstáculos da vida.

Tempos houve em que se dizia: "Água corrente não mata gente". Hoje, por causa da gente, qualquer uma a mata, menos a purificada.

A maior de todas as dores é a existência com a sua angústia, dúvidas e efemeridade.

Se a albarda ao burro não pesa nem afronta, porque me hão-de pesar as inquietações e humilhações que carrego?

Segundo Aristóteles, a filosofia nasce do espanto que os homens sentem perante o mundo.

Contudo, a sua essência é a ignorância dos grandes mistérios. Do mistério da morte e de todos os que com ele convivem.

Assim, a filosofia surge essencialmente, porque os homens estão inelutavelmente condenados à morte.

O segredo só é a alma do negócio, porquanto o ser humano é oportunista, invejoso e vicioso.

A matéria é um mundo complexo de energia e de luz. Se me fosse dado um novo sentido ou o aperfeiçoamento dinâmico da visão, veria que a matéria é uma condensação de luz, em diversos padrões, num deslocamento incessante a uma velocidade estonteante. A vida, em essência, é um fenómeno uno, com inúmeros participantes, partículas de um Eterno-Infinito num conjunto infindável de mundos, cujo único sentido é a existência.

O amor gratuito e forte, com a força da própria morte, não vive onde nasce mas no que ama.

Uma nação onde a educação seja deficiente nunca alcançará um crescimento económico sustentável.

Percebi demasiadamente tarde que, quando duas mulheres se unem intimamente, é porque conspiram contra uma terceira.

Não podemos considerar o *big bang* como o começo de tudo, daquilo a que chamamos um tanto impropriamente universo, já que apenas nos referimos a uma parte do todo e cujos limites desconhecemos. Um mundo num conjunto infinito de mundos.

O *big bang* é um dos momentos da eternidade, um fenómeno de continuidade dos infinitos mundos em constante dissolução e agregação, congregados numa eterna dança e luta cósmica.

Algumas mulheres têm por armas privilegiadas a beleza e as lágrimas. A primeira, tal como a mais bela das flores, cedo finda, enquanto que a segunda floresce sem murchar, aprimorando-se no tempo.

Diz o povo que "a beleza não se põe na mesa". Mas, infelizmente, deitada no leito, cega com o seu poder ricos e pobres, homens lúcidos e tolos, catedráticos e idiotas. E, mesmo que apenas tenha a profundidade da pele, será sempre rainha, ainda que por um dia.

O homem é apenas um acidente na longa evolução da vida, cuja espécie dura há cerca de dois milhões de anos e está condenada ao desaparecimento, dando lugar a novas espécies num ciclo eterno e imperscrutável.

Acautelai-vos do homem cuja personalidade denota mansidão de espírito: "A besta mais mansa é a que dá o maior coice".

De que serve a caridade se não fores caridoso contigo? De que serve a justiça se desconheces a imparcialidade? Encetei uma "guerra" que nunca quis. Vou ter de travar inúmeras batalhas.

Uma coisa é certa: apenas atingirei uma paz duradoura e estável, se combater ferozmente e com estratégia demolidora.

Até ao momento, perdi batalhas sem conta, mas nunca perdi uma guerra.

A amizade é uma espécie de ave terrestre inábil para voar.

Só o Amor resplandece na liberdade dos céus.

Leibniz foi um filósofo controverso, que procurou abranger na sua vasta obra todas as ciências do seu século. Para uns, um filósofo e matemático excelente, para outros, um alquimista, um esotérico, complexo e de difícil compreensão. Mas, um filósofo, cuja demanda fundamental se prende com a existência de Deus. Um filósofo apaixonado pelo seu Deus filosófico.

Nos *Ensaio de Teodiceia*, debate a antiquíssima questão – veja-se, nomeadamente, o *Livro de Job* – da relação do mal com Deus.

Se Deus é o que de mais perfeito existe, se é bondade, onisciência e onipotência, porque permite tanto sofrimento físico e psicológico, crueldades, injustiças?

Os *Ensaio* tiveram irónica réplica de Voltaire, na obra *Candide*, que representou Leibniz na pessoa do Dr. Pangloss, que perante todas as calamidades e crueldades do mundo, refere com constância que tudo ocorre para o melhor no melhor dos mundos. Também no extenso poema que escreveu sobre o terramoto de Lisboa de 1755, volta a atacar frontalmente o optimismo de Leibniz. Ao que parece, Leibniz julga que Deus escolheu o mais perfeito dos mundos possíveis, mundo esse, que não sendo perfeito é o que mais se aproxima da perfeição.

Desta opinião não comunga Aristóteles, quando afirma que seria melhor não termos nascido, mas que se tal ocorreu, o melhor será morrer quanto antes.

Esta é uma questão que não nos abandona, principalmente em épocas de crise. Na noite escura dos dias, é a interrogação que nos domina ao adormecer, muito em especial, quando confrontados com todo o sofrimento que emana deste planeta, fruto da natureza ou das mãos do homem, em regra, criatura vil e mesquinha, carrasca do seu semelhante. E mais nos assoberba, na aproximação de nova catástrofe.

Será que de um Ser absolutamente perfeito poderá nascer algo tão imperfeito como o mundo em que vivemos? Será que um Ser onnipotente permitirá a execução de tantas e tamanhas atrocidades cometidas contra os desvalidos? Será que um Ser onisciente não conseguiu prever o sofrimento que a sua criação iria causar? Seria esse Ser impotente para conjecturar e dar à luz, um mundo quase perfeito e não o inferno que gerou para a maioria da humanidade?

Leibniz, é mais do que um optimista, é um excelente advogado de Deus. Pena é, que não me conforte e permita adormecer na sua "fé filosófica".

Quantas vezes a antipatia mais não é do que ciúme e inveja travestidos?

A mais bela história de amor é escrita a dois com um único coração inspirador.

Começa como todas as histórias:

Era uma vez...

E só será a mais bela se decorridas décadas, puderdes escrever tão somente:

... uma história de amor de um velho amor todos os dias renovado.

Saber com humildade descer aos "pequeninos", faz-nos superar os "grandes".

Sejamos audazes, na vida e na eminência da morte.

A personalidade do homem ao longo dos tempos tem sido moldada pelo trabalho, pelos bens materiais de que consegue dispor e pelo poder que alcança.

Daí a crise terrível que nos ameaça, onde cada um nem sequer vale o que tem.

A fama é uma ave migratória condenada à extinção.

Ausência e nostalgia são directamente proporcionais à intensidade das paixões.

O avarento é um dos maiores inimigos de uma economia próspera.

Depois de muitas tormentas, em meses de mar grosso, o navio naufragou na barra, quando os marinheiros felizes, já acenavam às famílias na praia.

A boca de alguns políticos, quando se abre, fede a túmulo.

O povo da minha aldeia é um mealheiro partido. Por cada velho sábio que nos abandona, uma moeda é retirada e com ela se perde um grão de sagesa.

Poucos grãos restam.

Pouco resta para que a minha "Universidade" se transforme num covil de ignorantes ajuramentados.

"Um pobre e esplêndido poeta, o mais atroz dos desesperados, escreveu esta profecia: «Ao amanhecer, armados de uma ardente paciência, entraremos nas esplêndidas cidades." Eu creio nessa profecia de Rimbaud... Sempre tive confiança no homem. Não perdi jamais a esperança. Por isso talvez tenha chegado até aqui com a minha poesia, e também com a minha bandeira. Em conclusão, devo dizer aos homens de boa vontade, aos trabalhadores, aos poetas, que todo o porvir foi expresso nessa frase de Rimbaud: só com uma ardente paciência conquistaremos a esplêndida cidade que dará luz, justiça e dignidade a todos os homens.

Assim a poesia não terá cantado em vão." - *Pablo Neruda, Discurso do Prémio Nobel.*

Só dois poetas com o excelente carácter de Rimbaud e Neruda poderiam ter assentido em tal premonição, não obstante tenham olvidado a natureza impermanente da humanidade. Só uma paciência eterna nos permitiria entrar nas esplêndidas cidades de luz. Numa atitude que não é pessimista, antes realista, diremos: Entremos já armados de uma mente inocente na nossa esplêndida morada de Paz.

Poeta, pintor e louco têm um denominador comum: na sua arte tudo lhes é permitido.

Se adulares um bom trabalhador não tardará a negligenciar os seus deveres.

Mantém-no na dúvida quanto ao teu juízo de valor.

Não gastes as tuas palavras com quem até o silêncio entende.

O povo da minha aldeia, sempre disse que cada feira tem um tolo que a identifica e distingue.

Em criança, identificava-o e logo sabia se estava no S. Bartolomeu, na Santa Eufemia ou na Senhora da Saúde.

Hoje, que esses felizes homens já desapareceram, continuo a identificá-las, não por um louco, mas por todos os asnos que as frequentam. E sinto saudades desses tolos. Homens bons, maltrapilhos, à escuta de um copo de vinho, de febra em quarto de trigo ou de uma sardinha. Homens sem maldade, inocentes tais crianças. Homens doidos, mas verdadeiros e belos nos seus andrajos sujos e esplêndidos.

E tenho saudades. As saudades que ninguém tem, porque nunca os souberam amar.

O homem esquece-se muito rapidamente dos seus erros, mas Deus criou a mulher para constantemente lhos lembrar.

Prefiro que seja Deus a julgar-me do que eu a julgar-me a mim mesmo. Tenho sido sempre impiedoso para comigo.

Muitas vezes o que bem começa, mal finda e, o que mal se inicia, lentamente se torna doce e agradável.

Se a calma segue o temporal, a este, seguir-se-á aquela, porque tempestade que segue tempestade mantém inalterada a sua essência.

A bondade do fraco é na maior parte dos casos cobardia. Só o homem nobre, de forte carácter, pode ser verdadeiramente bondoso.

Nos tempos difíceis que atravessamos, dificultosos no sentido moral, concordamos que a borla é a corruptela da burla.

Muitos homens são como os coelhos: quando não dormem, comem. Esqueçamos o restante, dada a época de anorexia sexual que atravessamos...

A calúnia paira no ar, atravessa montes, vales, galga rios e oceanos. Pode estar em toda a parte, enquanto que a verdade ainda repousa, sem que se aperceba da necessidade de a destruir.

Palavras brandas, doces gestos, frases dóceis, ainda que manifestamente enganadoras, convencem sempre a população.
Não é preciso saber mais do que isto, para que se seja primeiro-ministro ou bispo de uma qualquer religião.

Acautelai-vos com as orações extensas e despropositadas. O vosso deus deverá estar cansado e deprimido com tanta pedinchice. Suponde que o irritais; não se poderá virar o feitiço contra o feiticeiro?

Aproveitai quando rezardes na altura do "passamento". Não estareis em condições de fazer exigências. Suplicai breve a Deus e a Satanás, pois não sabeis em que mãos ireis cair.

Quando o Absoluto surge, nasce o anonimato.

Neste mundo de idiotas, apenas os loucos – *nomeados ou diplomados* – e os humoristas estão habilitados a expressar a verdade. Uns porque ou estão desprovidos de juízo ou o fazem crer, e os outros porque são "palhaços". Os que afirmam a verdade incómoda, se o não são, passam a ser reputados como tal, assim justificando a sociedade, o naturalmente injustificável.

O indeciso só deixa de o ser, pela intervenção do coração. Ou seja, pela cabeça não se decide, mas a um ímpeto do coração, arroja-se temerariamente na direcção que este lhe indicar.

Os que ontem eram estimados, reconhecidos e vangloriados, amanhã serão vilipendiados, olvidados e maltratados. Como é que os "grandes homens" disso se não apercebem? Como é que na sua grandeza, ignoram uma verdade tão óbvia, com constância confirmada pela história?

Nas costas dos outros vemos as nossas!

Eles não. De "grandes" nada têm e a sua cegueira é voluntária, insípida e patética.

Convivência e familiaridade excessiva de homens de fraco carácter com homens nobres, faz com que aqueles adquiram as manhas e defeitos destes, ao invés das muitas virtudes que apresentam.

Não ensines o caminho dos teus tesouros a ladrões, nem por uma única vez, a menos que deles os faças seus guardiões.

Queda-te impávido com o bem ou o mal do quotidiano. Aceita a pena e a alegria. O amanhã – *se o houver* – trará o que tiver de trazer e não será o teu desespero que o irá alterar.

É na cama, debaixo dos lençóis, que os grandes segredos se desvendam.

Em “combate” não te ocultes na retaguarda. Ocupa sempre a linha da frente. Daí, avaliarás com precisão, o risco e a eventual intensidade dos ataques do “inimigo”.

O ignorante, ouve, memoriza, desvirtua os factos e tudo absorve, sem qualquer limitação ou censura, para depois, deles retirar as mais absurdas conclusões.
Esfregona velha em balde novo!

Uma mulher não se conquista.
Fica tranquilo, sê quem és e deixa que seja ela a conquistar-te.

Não há ninguém que mais aprecie a doença do que o médico e o farmacêutico. Já a morte é o celeiro do cangalheiro e do padre.

O frio dos pobres é gélido, mais frio do que o frio dos ricos, tal como frialdade que aumenta em dia de forte ventania. Quanto menos roupa, mais frio deus lhes dá.

Casamento, estudo e trabalho, assemelham-se nas suas consequências: o estudante quer trabalhar, o trabalhador gostaria de voltar a ser estudante, os casados solteiros e os solteiros casados... Ou seja, os que estão dentro querem sair e os que estão fora querem entrar.

A ciência apenas alimenta o *ego* dos ignorantes.

A calúnia é uma arma de arremesso empunhada por invejosos, hipócritas e mitómanos, que por onde passa tudo arrasa sem se afadigar, poupando o maldoso e torturando o virtuoso. E se não se cansa nem se farta, deixa o seu rasto por todo o lado, sujando inocentes, manchando homens de bem, enquanto o caluniador se limita a desaparecer de cena nesse sórdido acto teatral. Abençoados os actores que são indiferentes à calúnia e ao louvor.

Ser feliz é ter o Bem dentro de si.

Não dê tarefas árduas e exigentes a incapacitados, julgando que vais estimular o seu engenho. A cada um segundo a sua competência e empenho.

Quanto mais enfraquecido estiveres ou pareceres estar, mais sujeito estarás às afrontas e à espoliação.

Muitas vezes julguei ganhar, e perdi. Outras julguei perder, e ganhei.

A caridade não conhece fronteiras, não tem idioma, crenças, aparência específica. Começa em nós e estende-se ao mundo. Não é cega, mas para ser caridade, é muda.

A carne por ser um mero pote de argila, tem as suas qualidades: fraqueza e impermanência. O espírito pode ser forte ou fraco, mas a ambição e o apego ao mudável, fazem com que em essência se aproxime da carne, das efémeras cinzas.

Aprendemos com os nossos erros. Erramos, voltamos a errar, subsistimos no erro, até que por tanto errar, cessamos de o fazer. Pena é, que nessa altura, já tudo esteja irremediavelmente perdido.

Não aceito convites para baptizados ou casamentos.
Nunca admirei qualquer tipo de festividades.
Também não frequento funerais e, se a algum tiver de ir,
que seja apenas ao meu.
Os homens devem ser estimados em vida e não quando
simples objectos em decomposição.

A quem é que a castidade aproveita?
A mulher solteira, quando casta, casa sem conhecer as
vantagens ou desvantagens dos apelos de amor carnal.
A mulher casada, se casta e mal servida, sofre as mais
horrendas torturas psicológicas.
A que renuncia ao sexo, por dele não sentir necessidade,
nunca conhecerá o paraíso em vida.
A viúva, cuja castidade é de todas a mais meritória, morre
afogada em desejos.

O covarde tem consciência e consente o seu medo. O
herói, pela coragem, vence-o. No entanto, o medo é a
essência dos dois estados.

O invejoso está sempre pronto para censurar. E a sua
censura tem especial predilecção pelo mérito, olvidando o
demérito, não se depare com o que tão esforçadamente
esconde.

Até a força tem a sua fraqueza, que é a de apenas em si
se acreditar.

A copa da tília grande do largo da minha aldeia é abrigo de maledicência e ócio. Apenas quando troveja, fica solitária e em paz.

Só existe uma grande e inquestionável certeza na vida:

- Tudo o que nasce há-de morrer.

Morrerá mesmo?... Ou terá nascido?...

A obsessão é a mais grave das doenças, porque dela nascem a maioria das patologias crónicas e letais.

Como é fácil dar conselhos. Como é fácil emitir juízos de valor quanto ao mérito ou demérito das acções de outrem. Mas, quantos são os que prestam o leal auxílio aos que criticam? Preferem vilipendiá-los, calcando-os, para que do solo não se ergam obstando à sua actividade predilecta, a maledicência.

A decisão para ser potencialmente útil e justa, deve percorrer quatro fases:

- a enunciação dos factos;
- a sua compreensão;
- a análise e julgamento dos interesses em jogo; e
- a decisão propriamente dita.

O mal desta sociedade consumista é que consome o que não pode e tem repugnância pelo que lhe é acessível.

Sem abertura de espírito, mais do que mera tolerância, não pode existir compreensão.

O mundo acessível aos nossos telescópios é uma ínfima fracção do infinito e a incomunicabilidade entre os diversos mundos habitados é meramente casual, muito especialmente por via das enormes distâncias que os separam. Afastamos assim a tese de que a quase impossibilidade de comunicação é fruto dos desígnios de um Criador.

Cuida do teu filho enquanto criança. Não te eximas a esforços. Em adulto, será pai de si mesmo e da sua prole.

A consciência da população é um espelho embaciado onde a imagem reflectida é interpretada em consonância com o umbigo de cada um.

Havendo na aldeia salteadores com condenação judicial, todos os outros podem furtar impunemente.

Cuida-te, pois homem de coração sangrante não tem capacidade para amar e não se entrega de ânimo leve, a menos que estulto seja.

Prefiro um inimigo corajoso, austero, frontal, a mil amigos cobardes, elegantes e dóceis.

Cortesia e delicadeza, sim.
Subserviência, nunca!

O Universo é produto de mera casualidade, nada indiciando que tenha sido criado.

Pensemos num ser superior, onnipotente, onnipresente e onnisciente. Algo auto-suficiente, que se compraz com a sua própria e perfeita existência.

Que necessidade imperiosa o poderia compelir a criar o mundo?

Como pode quem ama ver fealdade no que ama? Só existe fealdade para quem não ama, porque quem pelo Amor é penetrado, não compara, interpreta ou julga.

Os tolos assemelham-se bastas vezes aos homens de bem, e assemelham-se na sua ingénua credulidade. Aí, ambos, constituem-se como apetecido património de vigaristas, ladrões, velhacos e burlões, que à sua custa se divertem e enriquecem.

A dispepsia é o remorso da gula.

O pão que ao pobre falta, ao rico sobeja, e o que a milhões escasseia é furto de bem poucos.

O que mais tememos e que acaba por acontecer, é na maior parte das vezes fruto das nossas próprias acções e pensamentos.

Sabedoria, poder, glória, amor, fama e prestígio...
Mesmo que o homem todas estas coisas possua, poderá dizer-se que é feliz? Bastarão à felicidade? Não será tudo pura ilusão?

Não há homem mais desgraçado do que aquele que não tem capacidade para aceitar a sua própria desgraça.

Os artistas deveriam excomungar definitivamente os críticos, que mais não são do que abutres travestidos de pombas.

Será que existe uma culpa objectiva, ou apenas poderemos razoavelmente falar na culpa subjectiva?
Se assim é, qual a sua medida?
O grau de arrependimento?

No mundo de hoje, discrição, prudência, insegurança e adversidade, fazem da desconfiança uma virtude.

Portugal é um país de despesa improdutiva. Daí a sua pobreza.
Mas, a sua maior miséria é a incúria e incompetência dos seus governantes, e a inoperância do sistema judicial.

O que está perto pode distar mil léguas e o que está longe pode estar ao alcance de uma mão, desde que haja amor ou afeição.

Porque existe alguma coisa em vez de nada? Esta é talvez a questão maior da filosofia, objecto de pensadores de todos os tempos e geradora de uma profunda angústia existencial. Princesa da metafísica, tem recebido múltiplas respostas, que ressoam mas não permanecem. Por existir um ser pensante é que a pergunta é formulada, de contrário reinaria o silêncio absoluto, sem desespero, inquietações e dúvidas.

Leibniz, responde-lhe com recurso ao conceito de mónada, substância simples, sem forma, sem partes, sem janelas e portas, mas sensível ao universo e ao poder de Deus.

Para este filósofo nada se produz sem uma causa evidente, suficiente – *o que consubstanciará o grande princípio do porquê.*

Partimos assim, da prova da existência de Deus. E podemos fazê-lo por força da fé, da teologia mística e da razão com argumentos diversos do exposto. Ao fazê-lo ocultamos parte da questão formulada. Se Deus existe, o que resta indagar é o que está para além dele ou até, ele mesmo. Ou seja, a justificação da existência do mundo na sua pluralidade, por via de existência na essência divina, criação ou de causa fortuita. Em rigor, a existência do mundo, seja Deus, uma sua manifestação ou algo diverso dele, mas tocado em todos os seus pontos pela sua presença, poderá ou não implicar o acto da criação.

Podemos perguntar-nos: Deus existe? E se existe porque é que existe? E se existe, para além do mais, é ele o próprio mundo? Ou criou-o? E se o criou, o que é que o levou a fazê-lo?

Se existe, onde podemos encontrar a sua causa?

A doçura é um perfume que inebria as almas, apazigua a angústia, aniquila a desesperança e adormece o coração dos que padecem.

O mais belo poema de amor é um conjunto de estrofes invisíveis com assento no coração de amante e amado. É uma folha de papel perfumada, mas totalmente em branco.

A dor psicológica é aliada do tempo – *do tempo psicológico*. Este, parece não ter fim, contrariamente ao que ocorre com os momentos de alegria e de felicidade, que o abreviam.

Os médicos de hoje, rapazinhos imberbes e meninas de colo, julgam-se alguém, apenas porque são “médicos”, pavoneando-se pelos corredores dos hospitais, prescrevendo tal piloto sentado no simulador de voo, esquecido de que o avião verdadeiro tem motores de verdade e gente de verdade no seu interior, e como tudo é tão verdadeiro, por ignorância e inexperiência lhes parece falso, e porque há tanta gente que sofre e o sofrimento não é seu, julgam que não sofrem, porquanto as letras dos livros que tão bem memorizaram não se queixam nem padecem.

A compreensão da dor alheia passa pela observação das nossas próprias dores.

Se a maior das dores é a existencial, façamos findar as nossas vidas. Suicidemo-nos. Suicidemo-nos para o passado, psicológica e não fisicamente. Não há angústia existencial que não ceda à morte psicológica.

Nem avarento nem pródigo?

A prudência do justo meio?

Não!

Umas vezes avarento. Outras pródigo. Tudo segundo as circunstâncias e a nossa disposição.

A ambição nunca permite que a riqueza seja suficiente.

Que a esmola seja o meu maior segredo. Melhor: que seja o meu único segredo.

Tanta erva ruim nos campos ocupando-os sem misericórdia.

Tanta erva boa crestada pela geada.

O que é mau viceja.

Na sociedade actual a desconfiança é uma virtude.

A falta de memória é o maior inimigo do mentiroso.

Na arena política a culpa de um não deve ser a pena de todos. Mas, também a culpa de todos não deve ser a pena de um só.

Liberdade sem justiça é o mesmo que pescador sem artes de pesca. Por isso, as nossas peixarias estão vazias, com as leis ao serviço dos ímpios.

O panteísmo é a doutrina segundo a qual tudo o que existe é Deus.

A história humana não é um processo degenerativo ou progressivo. É uma história estável de crueldades de mil e uma faces.

Como poderemos explicar a luta incessante dos seres e as terríveis catástrofes que no seu seio vingam?

Julgamos não saber como o mundo é em si. A realidade, tal como surge aos nossos sentidos, talvez não seja a verdadeira realidade, mas a representação que se produz no nosso cérebro, como teia de aranha compacta que nos permite aperceber dos seus distorcidos reflexos. Com isto, não afirmamos que o mundo é pura ilusão, que esconde um puro nada ou que o "eu" é a fonte de toda a realidade, extinguindo-se esta com a aniquilação daquele, ou ainda, que é uma ideia pura.

Podemos não confiar nos nossos sentidos. O mesmo se diga da razão, já que não descortinamos forma desta se fundamentar a si própria, a menos que usemos a acrobacia do homem que atolado num pântano saiu do mesmo puxando-se pelas suas tranças. Podemos não acreditar em Deus. Podemos acreditar nesse ente supremo, nem que seja por motivos meramente pragmáticos, em virtude da fé numa crença de esperança permitir uma vida mais suportável. Podemos defender que o mundo existe por necessidade ou que não sendo necessário, é o melhor dos mundos possíveis na concepção de Deus.

No entanto, a natureza manifesta-se sob uma infinidade de formas e na mutação constante dos entes. Provavelmente, por trás dessa multiplicidade e mutabilidade, esconde-se um fundo último e imutável,

como a tela do cinema onde projectamos imagens. Se assim for, é praticamente impossível distinguir a aparência da realidade a menos que possamos penetrar na infinitude do Ser real, que mais não é do que a nossa Mente.

Quem a conhece, no estado de plena liberdade, sem o cérebro e o seu conteúdo, conhece tudo o que há para conhecer. E é ela, que eu procuro sem procurar.

A luta não é alegria. A luta nasce do sofrimento, não devendo por respeito aos que sofrem ser parodiada. Apenas quando os seus objectivos são atingidos, se poderá dizer que a luta é a única alegria dos desvalidos.

Há homens cuja perigosidade é muito menor em vida do que na morte.

As nações que maior crescimento económico apresentam, alimentam com um punhado de arroz os seus trabalhadores.

Quando adquirimos os seus produtos, nunca nos lembramos de que neles está violentamente espelhado o sofrimento atroz da escravatura contemporânea.

Neste país ferruginoso, bocejam os pobres e arrotam os políticos na companhia de seus vastos séquitos. A tirania democrática cavalga a ignorância e a paciência deste povo abúlico.

O mundo formou-se segundo leis ocasionais distribuídas ao acaso no espaço infinito.

Muito se fala em eternidade e infinito daquilo que denominamos universo. São conceitos que intuímos e que nos habituámos a ver definidos nos suportes físicos do conhecimento, mas de cuja realidade estamos inelutavelmente alheados.

O pensamento gerado no cérebro não os consegue atingir, como conseqüências das suas naturais limitações espaço-temporais.

No que identificamos como "todo", o número de mundos será desde sempre potencialmente infinito.

O "todo" é uno e o seu único objectivo é a permanência.

A vida surgiu na Terra há cerca de quatro mil milhões de anos e é um fenómeno casual, que se estende pelo Eterno-Infinito.

Deus não é, evidentemente, o próprio acaso e o fenómeno não é racionalmente explicável.

Uma das múltiplas hipóteses é a de ter sido trazida para o nosso planeta por um meteorito.

Que "inveja" tenho daqueles cuja fé move montanhas e torna as águas seguras na travessia da vida.

Há uma incompatibilidade natural entre a felicidade e o desejo, mesmo tratando-se do desejo de ascender a Deus.

A ambição destrói o ambicioso.

Não dê a tua amizade a um homem devorado pela ganância.

A amizade é um bem sem preço. E como o não tem, muito raramente encontramos quem o possa pagar.

Como a balança que pesa indiferentemente ouro e ferro, assim deveria ser a justiça.

A lei deverá espelhar a morte: não beneficiar ou excluir seja quem for.

Um homem poderoso entrou algemado no tribunal da cidade de Nova Iorque. Os seus amigos, em França, revoltaram-se porque o seu tratamento não difere de um vulgar criminoso. Esquecem-se de que o delito nivela os homens onde a justiça funciona.

De nada serve acumular tesouros nesta vida. Não nos será permitido carregá-los para a mansão dos mortos.

Porque julgamos os outros em função das nossas conveniências, nunca saberemos o que é a cegueira da justiça.

A injustiça contra um é um crime cometido contra toda a humanidade.

Só atingirá a fama duradoura e não a efémera, que é destrutiva, ausente de compaixão e fonte das mais perniciosas ilusões, aquele que a não buscar e que esteja amorosamente ausente do pensamento.

As casas amontoadas deste bairro são verdadeiros sepulcros. Basta-me olhá-las para que a melancolia de um velório me domine.

O bom senso é a justa medida na avaliação dos factos, da realidade, e dos nossos actos.

Não é no meio dos homens que encontrarás as virtudes do bom senso, da equidade e da justiça. Terás de as buscar no teu coração.

Alguns homens apresentam-se-nos como ricos sem nada possuírem. Outros, pobres, detêm grande riqueza.

A prostituta satisfaz-se com o preço dos seus serviços e nada mais exige. A amante, com língua de mel e carícias doiradas intenta uma vida faustosa e será a tua ruína.

O absurdo da morte é a causa directa das minhas especulações.

Em filosofia, ou melhor, na vida, todo o problema independentemente da sua maior ou menor complexidade, deve ser abordado sem quaisquer

condicionamentos, crenças ou ideologias. Quando nos libertamos das influências religiosas, filosóficas, das inúmeras impressões residuais da nossa mente, para além de nos vermos tal qual somos, temos a objectividade necessária para a sua resolução, avaliando os factos de modo imparcial, sem a contaminação de uma visão nocivamente interpretativa. A maioria dos filósofos, que negaram por via da razão a existência de um Deus particular, não conseguiram alhear-se dos seus condicionamentos da infância – *v.g. Descartes e o próprio Kant*.

Os filósofos, por intermédio da especulação, podem “criar” ou “matar” deuses. São crianças cultas inventando conceitos de segurança para os seus medos e para os medos, inquietações e sensação de impermanência das sociedades a que pertencem.

O intelecto é insignificante por ter a sua actividade limitada pelo espaço-tempo. Assim, todas as filosofias estão limitadas pelos ferozes condicionamentos daquele e as investigações surgem como consequência do seu engenho desenvolvido ao longo dos séculos.

Quando não “possuímos” – e em contrapartida não somos possuídos – sistemas filosóficos, religiões com os seus deuses e dogmas, superstições, pessoas e coisas, estamos preparados para ingressar sem esforço na Terra da Verdade. Esta Verdade não é estática e como tal não pode ser definida, enclausurada numa qualquer fórmula limitativa. Não permite o acumular de conhecimentos, tendo de ser percebida em cada instante, da mesma forma que o deve ser a beleza de um rosto, de um vale serpenteado por rio de águas cristalinas, das nuvens, de uma magnífica aurora.

Conhecemos o que nos é exterior pela experiência. Mal ou bem, conhecemos o mundo e uma parte da nossa mente. Pergunto: pode o conhecido atingir o desconhecido? há alguma experiência que nos possa conduzir à “terra de ninguém”, à Verdade, ao incognoscível?

Se a mente percebe a sua incapacidade para atingir Deus, cessa a busca, e com este abandono, pacifica-se, silencia, e talvez por intermédio do silêncio pacificador, possa intuitivamente aceder ao conhecimento instantâneo.

Precisamos de aniquilar os mecanismos de defesa psicológica. A liberdade só poderá existir em toda a sua plenitude, quando o nosso cérebro estiver integralmente despojado de dependências obnubiladoras, tais como as religiões organizadas e os seus deuses, puras invenções de mentes atormentadas. Estas maleitas, fortemente arreigadas nos alicerces profundos do cérebro, não podem ser esconjuradas por filósofos, teólogos, gurus, e outros repugnantes vendilhões da felicidade. Apenas nós as podemos destruir por intermédio da observação compreensiva. Por outro lado, se a vontade e os múltiplos anseios, desejos e apegos desaparecem naturalmente, nasce no homem uma energia indescritível e incomensurável.

A vida deve ser considerada como um todo, e não observada parcelarmente, já que é um fenómeno eivado de anarquia. Pela parte pretendemos atingir o Todo, partindo do conhecido almejamos o desconhecido. Quão tolos somos!

Habituímo-nos a ver apenas o que nos rodeia, objectos e pessoas que nos circundam. No entanto, precisamos de penetrar no infinito – *no que não tem começo nem fim* –, estender a nossa visão para além de todos os limites que conhecemos, independentemente da sua inacessibilidade ao pensamento.

Uma vida sem autoconhecimento e sem a pura observação de tudo o que nos rodeia, é um desperdício, e como tal não merece ser vivida.

Porque é que transformamos as experiências dos outros em nossas? O que é que nos leva a sublimar ou ignorar as nossas próprias vivências?

O espírito acomodaticio não quer encarar os factos, em especial os que nos são desagradáveis ou que não respondem às nossas inquietações. Mas, a experiência de

outrem, é uma experiência que não é própria, fazendo com que o ser humano que a perfilha, não seja mais do que um cidadão de 2ª, homem vestido de penas, tal papagaio.

Olhamos o Universo na sua imensidão, a vastidão do espaço com uma aparente infinitude de astros e sentimos intensamente a nossa efemeridade. É indubitavelmente esse sentimento de impermanência, tão inquietante quanto angustiante, que nos levou a buscar algo, que esteja para além do nascimento e da morte e que possa conosco “negociar” a imortalidade.

Dizer que o Universo não é o produto de um acidente, mas antes de uma Realidade absolutamente consciente, sábia e boa, é negar todo um conjunto de factos, e os factos são indesmentíveis – *que se apresentam ao nossos sentidos*. Já o estabelecimento de uma relação com essa Realidade transcendente, capaz de nos transfigurar, é pressuposto que apenas no mais íntimo da individualidade poderá obter resposta. Não há fórmulas mágicas, credos, procedimentos mortificantes, que a proporcionem e expliquem.

O homem deseja o prazer; é algo de primário. Os desejos são múltiplos, pertencendo uns à cidade terrena outros à cidade de deus. Não obstante sejam muitas as distrações do homem, com os seus consequentes desejos, o maior e o mais inatingível é o de Deus, estando associado à aspiração da imortalidade. Se a essência do Todo for a infinitude e a eternidade, podemos estar certos que o pensamento nunca a atingirá, por via das suas naturais limitações.

Tem de ser cada um de nós, por si, sem recurso a dogmas, crenças, sistemas filosóficos ou auxiliados pela teologia – *seja a dogmática, seja a natural* –, que deve descobrir se Deus tem uma verdadeira existência ou se é um fantasma elaborado por um pensamento tortuoso, a quem todas as ilusões são concedidas de molde a minimizar o sofrimento psicológico pela fuga da realidade, do que realmente é.

Tem de ser cada um de nós, que deve descobrir se existe uma alma e o que é a morte, essa realidade fantástica que tanto nos atormenta e aniquila a beleza da vida.

As Igrejas com a sua horda de sacerdotes ineptos não têm qualquer valor, para além de permitirem ao miserável homem comum uma frágil e ilusória segurança.

Não sabemos se Deus e a alma existem. Desconhecemos o que é a morte. Independentemente das inúmeras respostas de filósofos e teólogos alicerçadas na razão, na fé ou em ambas, nada conseguimos atingir ou o que atingimos está à partida condicionado pelas impressões residuais acumuladas na mente humana durante milénios e na nossa em especial, durante toda a nossa vida. São em regra, respostas programadas, quer ao nível consciente quer inconsciente. Não poderia ser de outra forma. O pensamento é um exímio prestidigitador, um ilusionista que se engana a si mesmo quando pretende transcender o espaço-tempo na inglória tentativa de compreender o que é permanente, e como tal, não pertence à natureza do impermanente. O pensamento só compreende – *quando compreende* – realidades limitadas, não as que excedem limites inultrapassáveis. Em boa verdade, toda a actividade do cérebro, padece das mesmas limitações deste: as do espaço e do tempo. Ora, o que é limitado, não tem acesso ao ilimitado, à eternidade e à infinitude.

Podemos então, confiar no pensamento? Julgo que não! Por muito elaborado, lógico, coerente e profundo que seja o pensamento, isso não fará com que a superficialidade e a inconsistência reinem no seu seio. A Verdade é uma terra sem dono, terra de ninguém, trilho não delineado, inatingível por qualquer doutrina, sistema filosófico, especulação ou religião. A Verdade não jorra nos corações dos que a perseguem com incessante ansiedade, porque é contrária à ambição, a todas as ambições, mesmo à ambição que apenas se tem a si como objecto.

A sabedoria é a constatação da nossa ignorância, da incognoscibilidade das questões metafísicas e da sua inevitável aceitação.

Muitas das vezes, os que aparentam sabedoria são tão insensatos como crianças, jogando às escondidas ou "reinando",

Em bom rigor, a sabedoria entendida como conhecimento, tem muito pouco valor. Apenas quando reconhecemos a nossa ignorância, como o fez Sócrates, terá alguma valia.

A minha metafísica, resume-se grosso modo, a um simples "não sei". Não conheço expressão mais fácil e real. Se não sei e não procuro, talvez venha a conhecer, talvez encontre, melhor, talvez venha eu mesmo a ser encontrado. É esta a humildade que permite transcender o espaço-tempo.

Deus não pode ser definido. Manter-se-á para todo o sempre como o que é incognoscível. E se por um mero acaso, eu tiver alguma experiência de aproximação à sua existência e essência, essa experiência será unicamente minha e praticamente incomunicável, e terá nascido da morte do pensamento.

Ao problema da existência de Deus, conceito que remonta aos primórdios da humanidade, referem-se os filósofos a uma entidade suprema, que se identifica com uma existência absoluta, que se satisfaz a si mesma subsistindo por si, que cria e é livre no acto da criação. Poderá este deus dos filósofos, ser também o deus de uma determinada religião? Em consonância com os nossos condicionamentos, que como tal pouco mais são do que pura ficção, poderemos responder afirmativa ou negativamente, mas sempre de modo dúbio e incerto.

Filósofos, aspirantes a santos, místicos de práticas torturantes, afadigam-se na procura de um Deus que lhes escapa e que se lhes nega, não obstante se iludam com certezas e visões que têm a medida das suas expectativas. Não estão libertos do medo. Se o homem não estiver acorrentado pelo medo procurará Deus?

O deus das religiões, dos teólogos, dos filósofos, dos livros "sagrados", não é Deus, antes uma mera ilusão, ainda que agasalhadora e assombrosa. Se o conceito e a crença não existissem, estaríamos limitados à alegria e à tristeza,

mas logo o inventaríamos para protecção dos nossos medos angustiantes.

Na fé, pode existir uma verdadeira "cegueira filosófica", uma fé sem qualquer alicerce, construída nas nuvens que são arrastadas por ventos que mudam constantemente de direcção. Esta, não é de todo razoável, mas antes acto irracional e cómodo. Apesar de tudo, no Concílio Vaticano I, foi frontalmente atacado o fideísmo, afirmando-se a plena capacidade da razão para demonstrar a existência de Deus, mais do que atestar por uma mera razoabilidade o acto de fé subjectivo.

A criação dos nossos deuses em nada diminuiu o sofrimento do ser humano, excepcionados alguns espíritos raros – *normalmente apelidados de místicos* – que, como consequência de patologia mental ou de uma realidade que nos transcende – *e para sempre transcenderá* – se acercaram do Absoluto, comungando da sua essência ou deram assentimento à sua existência.

Confiai em Deus, dizem-vos. Mas que confiança e amor podeis ter num Ser que permite atrocidades constantes, a miséria, a fome, a morte por carência dos mínimos cuidados de saúde, os cataclismos que engolem tantos inocentes de modo indiscriminado, a guerra, afinal todo um conjunto de males e injustiças? Não teremos de concordar com Epicuro, quando afirma que "a divindade ou quer suprimir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer nem pode, ou quer e pode. Se quer e não pode é impotente; e a divindade não o pode ser. Se pode e não quer, é invejosa, e a divindade não o pode ser. Se não quer e não pode, é invejosa e impotente, portanto não é divindade. Se quer e pode (que é a única coisa que lhe é conforme) donde vem a existência dos males e porque não os elimina?"

Como diz na sua simplicidade uma velhinha da minha aldeia, que Deus é esse, onnipotente e omnisciente, que permite que uma criança seja torturada, violentada e morta por um qualquer criminoso, assistindo impávido e sereno a um acontecimento a que qualquer um de nós

obstaria se possível, mesmo com o risco da própria vida. Lembro-vos o "tratamento" a que os pedófilos são sujeitos pelos outros reclusos... e são apenas outros criminosos.

Invocamos Deus e o seu santo nome para nossa protecção – *como um antibiótico para uma infecção* –, para que vejamos os nossos desejos realizados e os males afastados. E para além deste, há os santos, santos para todos os fins, e uma Virgem Maria que parece ser mais poderosa do que o próprio Ser supremo, tantas vezes relegado para um plano inferior.

Diz-se que o mundo que perdeu o Deus cristão só pode assemelhar-se ao mundo que ainda não o encontrou. Mas, se o Deus único nunca foi encontrado pelo mundo, que poderá este perder?

Mesmo que se considere que o Absoluto é atingível pela experiência mística, dir-se-á que esta é pessoal e intransmissível, inexistindo palavras que a possam cabalmente explicar ou divulgar.

Alguns filósofos tendem a crer na existência de Deus em virtude de não conceberem um Universo apoiado numa realidade pessoal. Poderá o cosmos ser fruto de lei, acaso ou vontade inconsciente? A tal questão respondem pela negativa. O Universo foi criado intencionalmente, com sabedoria e bondade, elevadas ao seu mais alto grau. Mas, tal afirmação não tem correspondência factual.

O deus dos filósofos é o deus da razão, da geometria, dos que reduzem a vida ao raciocínio, sendo como afirma Kolakowski um deus dos fracassos. Um deus dos fracassos e dos fracassados não pode obviamente ser religioso.

Não é o pensamento que ascende ao Absoluto, mas é o Absoluto que atinge a mente vazia.

Só um cérebro, que sem motivo foi esvaziado do seu conteúdo – *daquilo que o condiciona* –, e que nada busca, poderá ter acesso ao que é Eterno e Infinito. Este Ser, poderosa fonte de energia sem forma nem qualidade é inatingível na sua essência. O Absoluto – *ou seja lá o que*

for – só surgirá por sua livre vontade, espontaneamente, nunca por via das nossas mesquinhas exigências, preces, invocações, ou na pior das hipóteses por práticas “religiosas” mortificantes.

A alma, princípio de vida e princípio de inspiração moral, não pode ser investigada como problema religioso, independentemente dos problemas da imortalidade e de Deus.

Filósofos e teólogos procuraram desde sempre isolar duas substâncias diversas, mas bem definidas, no homem. Por um lado, a alma, que a partir do momento da sua criação subsistiria por todo o tempo futuro, ou seja, eternamente, e o corpo, sujeito à corrupção – *mas que no caso do cristianismo ressuscitaria como corpo glorioso.*

Se existir uma alma que sobreviva ao corpo, somos forçados a admitir, que essa alma impregnada das vivências, emoções, conhecimentos e memórias do seu portador, manifestar-se-á com todo o seu conteúdo numa nova “vida”. É a continuidade do “eu”, essa entidade tão sofrida e insignificante. Improvável, quase absurdo. As nossas memórias estão intimamente dependentes do cérebro, que está destinado com o corpo à extinção.

Quando o nosso discurso tem como objecto a alma, em regra, estamos no domínio do pensamento. Pensamento que é a fonte do medo, de todos os medos, e em especial do mais poderoso, o medo da morte. É o pensamento que elabora doutrinas ou que se limita a afirmar com cega fé, em atitude de “santa burrice”, a existência da alma, uma alma que é permanente, que não está destinada à corrupção e que viverá com deleite os eternos prazeres dos céus.

Temos uma premente necessidade de acreditar na “vida” depois da morte, porque temos medo e nos sentimos inseguros. Estamos demasiadamente preocupados com a continuidade. Não queremos deixar de ser quem somos, nem deixar de possuir o que possuímos.

Poderá a imortalidade ser a continuação do “eu”? Estranha vontade esta que nega a destruição do que é misérrimo, mesquinho e escabroso. O imortal não tem qualquer afinidade com o mortal.

Que eu morra e renasça a cada instante. Só essa atitude é absolutamente religiosa e a santidade é a observação continuada de nós mesmos e do que nos rodeia, o que faz cessar o tempo com a conseqüente imersão na eternidade.

Numa primeira análise, a morte é um facto biológico, fisiológico, que atinge todos os seres vivos que detenham um corpo. A corrupção orgânica, equivale à destruição da existência, daquela existência particular, enquanto tal. Aqui, interessa-nos enquanto questão metafísica.

A morte, surge-nos por vezes como uma consolação: todos morremos, ricos e pobres, poderosos e desvalidos, sacerdotes e ateus, médicos e enfermos. A morte igualiza-nos. Se todos nós não fomos ouvidos para nascer, também não o seremos para morrer.

Platão, que na tradição socrática define a morte como a separação da alma espiritual do corpo, identifica no diálogo *Fédon*, a investigação filosófica com a purificação da alma e com a preparação para a morte – *entendida esta, como a libertação final*. Daí, nasceu na filosofia, e em filósofos de nomeada, o facto da morte se constituir como, senão, o problema mais importante da filosofia, pelo menos um dos mais importantes – *Platão, Agostinho, Cícero, Schopenhauer, Kierkegaard, Heidegger, para só citar alguns*. Schopenhauer, faz inclusivamente depender a filosofia da determinante experiência da morte, quando afirma que sem esta, inexistiria aquela. Schelling pergunta-se se a morte será apenas *um nada*, ou *um nada* que destrói o pensamento?

Movimentamo-nos na área do conhecido e a morte termina com este e com o nosso corpo.

A morte é inelutável. Podemos perseverar no seu olvido, submetê-la aos mais redundantes e ardilosos raciocínios, ou ainda acreditar piamente como crianças crescidas na reencarnação ou na ressurreição. Se por um lado nos reduz à incontestável condição de finitude corpórea, por outro, tem-nos dado a esperança de uma continuidade feliz, que é a imortalidade. Seja como for, a nossa acção, quer busquemos refúgio na igreja, quer num qualquer livro – “*sagrado*” ou não –, ela acompanhar-nos-á por toda a nossa vida. E se nem sequer compreendemos a vida como poderemos compreender a morte?

Não podemos discutir ou fazer acordos com a morte. Poderemos nós adiá-la, induzi-la à concessão de um prazo favorável que nos permita concluir os nossos mesquinhos projectos? Obviamente que não. A inevitabilidade não admite concessões.

Vida e morte caminham de mãos dadas na floresta da existência. Só se vive quando se morre e morre-se para viver. É pela morte que nasce o inteiramente novo e são exterminadas as velharias imprestáveis armazenadas no cérebro.

A vida eterna, será mais do que uma mera existência em cada momento do tempo futuro? Não será antes – *como afirmam alguns teólogos* – um estado que independe do tempo, onde não há antes, não há depois, e por tal motivo, inexiste qualquer possibilidade de mudança?

Para o iluminado, vida e morte são a mesma face da mesma moeda.

O que os filósofos julgam que espera os homens após a morte, não é o que julgam. A vida nasce da morte e a morte da vida.

A idade deveria conceder-nos o dom da aceitação da morte, o que seria sinónimo de sabedoria. No entanto, concede-nos apenas um medo indestrutível, consequência da nossa ignorância e desprezo pela vida.

Quando se morre, desconhece-se de quem é o ganho: se de quem parte, se de quem fica.

O que está para além da morte é uma incógnita, um mistério metafísico. Sócrates tinha a esperança da existência de algo para além dela, que segundo a tradição e as crenças estabelecidas, seria muito melhor para os bons do que para os maus. Se realmente a morte nos libertasse de tudo, que boa sorte seria para os maus, ao morrerem, verem-se desembaraçados quer do corpo quer do mal e da sua maldade, ao mesmo tempo que da alma – *veja-se de Platão, o Fédon*.

A morte, esse fenómeno extraordinário, para ser compreendida, tem de o ser com o amor, apenas o amor a pode penetrar. Quando morremos psicologicamente estamos a conviver com a morte e saberemos o que é morrer, quando isso acontecer no plano físico.

Quando morremos para o conteúdo da memória, para o passado, para os nossos pensamentos, em suma, para o "eu", somos introduzidos na criação e renovação, no mistério da morte, que afinal não é mistério nenhum. A erradicação do pensamento, neste sentido, não é uma fuga à incapacidade de erradicarmos a ideia de morte.

Se de instante a instante morremos para os acontecimentos quotidianos, para o ódio, ciúme e outros estados negativos, para o prazer, desejos apegos, para o sofrimento, para os problemas que nos afligem, para o que contemplamos, estaremos em contacto directo com a morte, essa realidade tão temida.

Com a cessação do pensamento há purificação, alegria, inocência. A morte do velho traz o júbilo do inesperado. Para além da morte está o sempre novo. E para além da morte existe algo. Mas, sois vós que tendes de o descobrir; não eu por vós, nem concílios, igrejas, gurus ou quaisquer santos e videntes.

A teologia e a filosofia transformaram os homens em meros teóricos da vida – *não se entenda aqui homem prático como aquele que afastou todo o "alimento" do espírito.*

As questões metafísicas fundamentais não são atingíveis pela razão. Por muito que nos repugne, a melhor das metafísicas é não ter metafísica nenhuma, reduzindo o pensamento à sua verdadeira insignificância e abandonando de modo definitivo todas as infantilidades que têm assoberbado a "criança" humana desde os primórdios daquilo que apelidamos de civilização.

No dia 6 de Dezembro de 1273 – *dia da festa de S. Nicolau de Bari* – S. Tomás de Aquino encontrava-se no convento de Nápoles, onde celebrava missa. Aí, terá tido uma experiência mística, após a qual abandonou de imediato a finalização da *Suma Teológica*, nada mais escrevendo até à sua morte.

Instado sobre o facto de não a terminar e de mais nada escrever, limitou-se a responder: "Já não posso mais, porque tudo o que escrevi me parece palha."

É este o maior ensinamento que julgo ter recebido do Santo.

Também eu sinto e afirmo com a certeza possível, que tudo o que aqui está escrito, mais não é do que palha.

Não nos iludamos. Estamos sós. Temos de o compreender, não apenas superficialmente, mas na profundidade do nosso ser. Estamos sós nessa caminhada para algures ou para lado nenhum.

A vida é uma sequência de factos dissemelhantes, um fluxo eterno de criação e morte.

Quando o homem se liberta de todo o desejo e vontade, adquire uma energia sem fim, sem preço, a energia de uma montanha, do mar, da árvore.

Nada mais desejando para além do que possui, transformar-se-á no homem mais rico do mundo.

A mais bela frase de amor é uma estrofe de *silêncio*.

Só o silêncio é sempre novo. Não as palavras, que são coisas mortas. E o amor é na vida o sempre-novo.

A felicidade é um estado de repouso e de paz do espírito, o qual não se deixa inquietar pela vontade, desejos e afectos.

A humanidade, tal como o burro prefere a palha ao "ouro".

Maio de 2011

José Maria Alves

